

APRESENTAÇÃO | GEOGRAFIA DO VOTO E CONEXÕES ELEITORAIS: DINÂMICAS ESPACIAIS DA POLÍTICA

Daniel Abreu de Azevedo¹

Universidade de Brasília (UnB)
Brasília, DF, Brasil



Juliana Nunes Rodrigues²

Universidade Federal Fluminense (UFF)
Niterói, RJ, Brasil



Nos últimos anos, geógrafos têm se empenhado em reintegrar as eleições às discussões da Geografia Política, um tema por muito tempo marginalizado na área, seja por sua associação ao determinismo e à excessiva matematização das relações sociais, seja por sua interpretação como mera reafirmação do status quo. Felizmente, novos ventos sopram na Geografia Eleitoral, ainda que mais impulsionados por cientistas políticos do que por geógrafos. As possibilidades atuais são amplas: a disseminação de softwares de georreferenciamento e novas técnicas estatísticas têm ampliado significativamente o escopo das análises eleitorais na disciplina (Azevedo, 2023a; 2023b).

A Geografia Eleitoral é fundamental para compreender os processos democráticos, pois permite analisar a interdependência entre as dinâmicas espaciais e políticas. Como amplamente reconhecido nas ciências humanas, o voto não é apenas uma expressão de um conjunto de preferências individuais. O geógrafo e outros cientistas sociais, ao destrincharem sua distribuição espacial, discutem e analisam suas estruturas históricas, econômicas e sociais; mas a espacialidade vai muito além disso, sendo um elemento constitutivo da explicação dos processos eleitorais. Compreender essas relações é essencial para interpretar tanto o presente das democracias quanto seus desafios futuros.

1. Doutor em Geografia Humana pela UFRJ. Professor adjunto do Departamento em Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UnB. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5354-128X>. Email: daniel.azevedo@unb.br

2. Professora Associada do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal Fluminense (UFF). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3793-4785>. E-mail: juliananunes@id.uff.br

Este dossiê se destaca por sua originalidade ao reunir estudos que abordam a espacialidade do voto em diferentes partes do mundo, reforçando a centralidade desse campo na Geografia Política. Um de seus grandes diferenciais é a diversidade de autores e de abordagens: contamos com pesquisadores de sete países, explorando realidades eleitorais variadas e publicando em, pelo menos, dois idiomas distintos. Essa pluralidade permite ampliar o alcance dos debates e enriquecer a reflexão sobre o tema em diferentes contextos.

O texto do professor da *Universidad Nacional del Litoral* (Argentina), Christian Scaramella, examina como as diferenças de gênero se manifestam no comportamento eleitoral argentino, entre 1999 e 2007. A pesquisa destaca que a distribuição espacial das preferências políticas de homens e mulheres não segue um padrão uniforme, sendo influenciada por dinâmicas territoriais e sociopolíticas específicas.

A relação entre gênero e voto também pode ser vista no texto das professoras indianas Purna Bharti e Debjani Ghose, intitulado "Análise espacial-temporal da mudança na cultura eleitoral das mulheres em Bihar". Essa contribuição examina como a participação política feminina se transformou em um contexto de fortes desigualdades de gênero. A pesquisa revela um crescimento significativo da presença das mulheres nas urnas, mas destaca que a representação política feminina ainda permanece baixa, refletindo barreiras estruturais profundas.

O dossiê avança para a Bolívia, ao apresentar "Lideranças políticas emergentes nas eleições subnacionais de 2021 na Bolívia: uma abordagem geográfica", que analisa a volatilidade eleitoral no país. O professor Julio Ascarrunz demonstra que, embora não haja um padrão territorial homogêneo para altos índices de mudança no voto, algumas regiões apresentam maior estabilidade na reeleição de partidos, revelando tendências políticas específicas. Compreender a espacialidade da volatilidade eleitoral pode ajudar a refletir até mesmo sobre cenários futuros.

Já em "Partidos com ou sem base territorial na Costa Rica: análise da distribuição geográfica dos apoios partidários de 1998 a 2022", investiga-se a fragmentação do sistema partidário costarricense. A professora da *Universidad de Costa Rica*, Sharon Sanchez, argumenta que, apesar da busca por bases eleitorais consolidadas, os partidos enfrentam uma crescente instabilidade territorial, impactando diretamente suas estratégias eleitorais.

Em um caso europeu, os pesquisadores irlandeses William Durkan e Adrian Kavanagh, no artigo, "Migração, Integração e Participação Eleitoral: Eleição Local de 2019 em Dublin, Irlanda", examinam como comunidades migrantes participam da política e das eleições locais na Irlanda. O estudo aponta que a baixa participação eleitoral está ligada à falta de integração política e ao desconhecimento sobre os direitos eleitorais, destacando a necessidade de políticas públicas que promovam maior inclusão e representatividade dessas comunidades.

O artigo "A sobre-representação política da região mais desenvolvida: uma análise da geografia eleitoral de Minas Gerais" é um caso específico desse dossiê, já que explora as disparidades na representação política dentro do estado. O estudo demonstra como Belo Horizonte tem sido sistematicamente sobre-representada em comparação com outras regiões do estado, como Teófilo Otoni, refletindo desigualdades socioeconômicas e estruturais na formação das circunscrições eleitorais. Nesse sentido, esse texto revela as diferenças geográficas da representação política e aponta possíveis problemas da democracia à luz do território.

Nesses seis casos, o *efeito composicional* do espaço geográfico ocupa o centro das análises. Essa abordagem refere-se à maneira como a distribuição espacial de características socioeconômicas, culturais e políticas influencia os padrões eleitorais, sem necessariamente determinar a escolha individual do eleitor. Os estudos desse tipo buscam, na espacialidade do voto –

por meio de diferentes técnicas geoestatísticas –, pistas para compreender a tomada de decisão eleitoral (Agnew, 1996; Azevedo, 2023a; 2023b). Aqui, o espaço geográfico não atua como um fator estruturante direto da escolha do eleitor, mas sua relevância permanece, pois essa abordagem torna o fenômeno eleitoral mais inteligível.

Os cinco artigos seguintes convergem na busca de um arcabouço teórico-conceitual da Geografia para a análise das eleições. Nessa parte, o *efeito contextual* ganha relevância, pois a espacialidade, nas suas distintas dimensões – como escala, distância, forma, conectividade e outras – se torna um elemento-chave na configuração e explicação dos processos eleitorais.

Seguindo essa perspectiva, o artigo "Eleições municipais de 2024 no Brasil: o que podemos entender do voto de escala?", de Daniel Azevedo e Sonia Terron, investiga a relação entre as eleições locais e as dinâmicas eleitorais nacionais, a partir da categoria geográfica de escala. Os autores demonstram que, enquanto o Partido dos Trabalhadores (PT) apresenta uma forte correlação entre padrões locais e nacionais de votação, o Partido Liberal (PL) não exhibe a mesma tendência, evidenciando a complexidade dos alinhamentos políticos no Brasil.

Os impactos de eventos extremos na dinâmica eleitoral são abordados no artigo "O rompimento da barragem de rejeitos da Vale em Brumadinho (2019) e as mudanças no voto entre as eleições de 2018 e 2022". Este estudo evidencia como desastres ambientais podem alterar as preferências políticas locais, levando à migração de votos entre o centro, a esquerda e a extrema-direita, além de impulsionar candidatos ligados a causas socioambientais.

A relação entre espaço metropolitano e voto é explorada no artigo "Além dos limites municipais: Análise da metropolização do comportamento eleitoral em Cali (Colômbia) utilizando k-means clustering". A pesquisa mostra que quanto maior a integração da vida social dentro das áreas metropolitanas, maior a homogeneização dos comportamentos eleitorais, destacando a existência de um "*hinterland* eleitoral". A relação entre geografia urbana e eleitoral é evidente, abrindo um leque amplo de pesquisas ainda pouco explorado.

A análise das desigualdades espaciais na Europa aparece no artigo "Desigualdades espaciais e preferências eleitorais na Europa Central", que explora como disparidades regionais impactam o apoio a partidos populistas na Polônia, República Tcheca e Alemanha Oriental. A pesquisa mostra que o contexto local pode direcionar o populismo tanto para a direita quanto para a esquerda, dependendo das características culturais e socioeconômicas das regiões analisadas.

Já o professor britânico Michael Woods assina um trabalho sobre a realidade brasileira. O estudo "Populismo Agrícola no Pampa: Agricultores, Globalização e Política no Rio Grande do Sul" traz uma perspectiva sobre as transformações políticas no meio rural brasileiro. A pesquisa investiga como a expansão do agronegócio tem moldado as preferências eleitorais em cidades agrícolas do sul do Brasil, analisando a interseção entre identidade rural, globalização e a ascensão de lideranças populistas.

Este dossiê busca reafirmar a importância da Geografia Eleitoral no campo da Geografia Política. É um esforço para demonstrar que os geógrafos têm muito a contribuir para a compreensão de um dos fenômenos centrais das democracias contemporâneas. Evidencia, também, como certos padrões eleitorais podem ter explicações ancoradas na escala nacional, enquanto outros se repetem em dinâmicas locais e regionais, reforçando a necessidade de abordagens comparativas e a atenção à escala de análise.

Em síntese, reforçamos a importância da Geografia Eleitoral como um campo central para a compreensão das relações entre espaço e política. A diversidade de abordagens, metodologias e contextos analisados destacam a sua riqueza e relevância para o debate acadêmico e político atual.

Ao reunir pesquisadores de diferentes países e oferecer estudos publicados em vários idiomas, buscamos contribuir para uma leitura mais ampla das dinâmicas eleitorais, promovendo o intercâmbio de ideias entre lugares e disciplinas e fortalecendo a importância da Geografia Eleitoral para geógrafos e outros cientistas sociais brasileiros.

Boa leitura!
Os organizadores

Referências

- AGNEW, J. Mapping politics: How context counts in electoral geography. *Political Geography*, 15, 2, p.129–146, 1996.
- AZEVEDO, D. A. A necessidade da geografia eleitoral: as possibilidades do campo. *GEOUSP Espaço e Tempo* (Online), São Paulo, Brasil, v. 27, n. 2, 2023a. DOI: 10.11606/issn.2179-0892.geousp.2023.204649.
- AZEVEDO, D. A. A Espacialidade da Democracia: Entre Espaços Políticos e a Geografia Eleitoral. In: Azevedo, D. A.; Nogueira, R. *Geografia Política: base conceitual e diversidade temática*. Brasília: Editora Selo Caliandra, UnB, 2023b, p.147-173.